



O 'cancro' da dívida externa

Barbosa Lima Sobrinho *

Não é difícil imaginar que o plano de nossa equipe econômica foi se parar o Fundo Monetário Internacional dos bancos credores de nossa dívida externa. Numa espécie de manobra que recordasse o episódio dos Horácios e Curiáceos. Para fazer do Fundo um advogado do Brasil, junto à impaciência dos nossos credores. Para isso seria necessário adotar um plano capaz de entusiasmar os mentores do Fundo, seguindo à risca os seus conselhos e determinações. Para chegar a esse resultado, e conquistar, definitivamente, os técnicos do Fundo, não teria havido nenhuma hesitação em demitir 350 mil funcionários federais. E levar por diante um plano de privatização que não poupasse nenhuma de nossas grandes estatais, fosse a Petróbrás e as companhias siderúrgicas, para obter aplausos da Sra. Thatcher, que sempre achou absurdo um país pobre, e endividado, dispor de empresas de tal porte.

Creio que a Sra. Zélia Cardoso de Melo, num raciocínio um tanto ou quanto apressado, esperava que, quando os banqueiros apertassem o Brasil, o Fundo Monetário surgisse em defesa de um país que adotava, com tanto rigor, as receitas de um órgão fiscalizador, para sanear as finanças brasileiras e para colocá-lo no caminho do pagamento das dívidas externas. Era só uma questão de paciência, com a fixação dos prazos convenientes. Seria pois a hora de ajudar o Brasil, e não de empurrá-lo contra a parede, com exigências descabidas, sob pena de se adiarem as privatizações e de não alcançar a redução das despesas públicas, com o corte do funcionalismo, que acabaria sendo um sacrifício inútil. Há que obedecer a uma cuidadosa programação, se não se quiser pôr tudo a perder.

Mas os banqueiros perceberam a manobra e não concordaram com ela. O pagamento dos juros vencidos era tão

importante quanto o programa das privatizações e exigia soluções imediatas, se se quisesse assegurar a saúde das casas bancárias, que não eram tão sólidas como se pensava ou se dizia nos comentários jornalísticos. O dilema surgira afinal, ou proteger os bancos ou salvar o Brasil. E não foi preciso mais para que o subsecretário do comércio dos Estados Unidos aparecesse em cena, com palavras ríspidas, encurralando os devedores remissos. O Terceiro Mundo não mereceria tantos cuidados, com prejuízo para os Estados Unidos, a Inglaterra ou o Japão. O Fundo Monetário Internacional está longe das punções de um anjo da guarda, para a salvação de países que não estão em condições de pagar os seus empréstimos, ou de evitar a sua inadimplência. Não foi para isso que ele foi criado. Sua função essencial é proteger os ricos e não salvar os pobres. E será que os banqueiros não acharam pouco a demissão de 350 mil funcionários? E que não tenham gostado da demora do plano de privatização? Se o Brasil já tem reservas de sete ou oito bilhões de dólares, por que não as transfere logo para os bancos credores? Não há como tratar o Brasil com exageros de condescendência, mas de utilizar os cobradores implacáveis. Afinal, que é o Brasil, para todos, senão um devedor remisso?

Conviria, pois, trazer a debate a utilidade dos empréstimos externos. Até que ponto concorrem para o desenvolvimento econômico dos países que os contraem e ficam com a responsabilidade de seu pagamento? Para saber, sem qualquer dúvida, o que entrou no país. Muitas e muitas ocasiões, ficam no estrangeiro para pagar atrasados comerciais, ou dívidas já vencidas. E quando os devedores entram no mercado, para comprar libras ou dólares, não há como evitar a valorização da moeda estrangeira. Quem se detém no século e meio de empréstimos externos, desde o de 1824, sabe que, ao longo desse tempo, a moeda brasileira

sempre esteve sujeita a uma desvalorização permanente, tanto em face da libra esterlina, como diante do dólar. Ainda no tempo do plano Funaro, pelo menos na sua fase inicial, o Brasil precisava de doze bilhões de cruzados, para pagar os juros da dívida externa. E hoje teria que desembolsar, para o mesmo efeito, setenta bilhões de cruzeiros. E o que me parece é que, apesar dessa imensa sangria, a dívida brasileira nunca se reduz, por maiores que sejam os sacrifícios feitos pelo Brasil. Basta considerar que, de 1982 a 1986, pagamos 73 bilhões de dólares, o que não evitou que a dívida chegasse a mais de cem bilhões de dólares. Números e realidades confessados nas estatísticas do Banco Mundial.

Não era por outros motivos que Martim Francisco condenava os empréstimos externos, que ele considerava o "cancro" das finanças nacionais. Se se levantasse um quadro completo do que entrou no país e do que saiu, não tenho dúvidas de que o Brasil figuraria entre os exportadores de capital, embora tanto precise deles para o financiamento de seu desenvolvimento econômico. Embora não falte quem viva a apregoar que o Brasil não tem capitais. Quando saiam do Brasil mais de setenta bilhões de dólares, a título de pagamento de juros? É o caso de desafiar os defensores dos empréstimos externos, para que façam um levantamento do que entrou e do que saiu, para se chegar à conclusão de que o Brasil continua a figurar entre os exportadores de capitais. Até mesmo porque, como já assinalava o mais importante de nossos economistas, Amaro Cavalcanti, porque o dinheiro que entrou acaba saindo no duplo ou no triplo da quantia recebida. Para dar razão ao ministro da Fazenda da independência que os considerava um "cancro", no roer e destruir as carnes das nações subdesenvolvidas.

* Jornalista, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Associação Brasileira de Imprensa